

UM ANO SEM GIOVANNI ARRIGHI

A Year Without Giovanni Arrighi

*Lucas Kerr de Oliveira, José Miguel Quedi Martins
e Eduardo Urbanski Bueno¹*

Giovanni Arrighi deixou uma obra de grande relevância para a compreensão dos fenômenos internacionais, destacando-se pela criatividade e qualidade argumentativa e pelo número de citações, tanto entre os autores que subscrevem sua teoria como entre seus críticos mais contundentes. Em sua teoria dos *Ciclos Longos de Acumulação de Capital, Hegemonia e Dominação*, reuniu de forma original explicações e teorias antes aparentemente inconciliáveis. Sua teoria produziu uma nova agenda de pesquisa, provavelmente muito maior do que o autor poderia imaginar quando se inseriu no debate teórico a respeito da *crise hegemônica* dos EUA. Sua herança intelectual motivou debates e novas reflexões entre os pesquisadores brasileiros e, certamente, será alvo de novas ponderações e reinterpretações no futuro. Sua contribuição encerrou-se em junho de 2009, após quase um ano de luta contra um câncer², tendo continuado suas atividades acadêmicas até o último instante.

Nascido em Milão, região da Lombardia no Norte da Itália, Arrighi cresceu no centro geográfico localizado entre as cidades de Gênova e Veneza, que posteriormente foram incorporadas ao modelo explicativo sobre processos históricos de longa duração. Em Milão, terminou o doutorado em economia pela *Università Commerciale Luigi Bocconi*, em 1960. Em 1963 mudou-se para o Zimbábue (então Rodésia), onde lecionou por dois anos na *Universidade da Rodésia*, antes de lecionar na *Universidade*

¹ Lucas K. de Oliveira é Mestre em Relações Internacionais e Doutorando em Ciência Política pela UFRGS; José Miguel Q. Martins é Doutor em Ciência Política pela UFRGS e Mestre em História pela PUC-RS; Eduardo U. Bueno é graduando em Relações Internacionais pela UFRGS.

² Arrighi faleceu no dia 19 de junho de 2009, na cidade de Baltimore, em paz ao lado da família, como declarou sua esposa e companheira de trabalho intelectual Beverly J. Silver, com quem escreveu “*Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial*” (2001).

de Dar ES Salaam, na Tanzânia. Neste período passou a questionar mais duramente os ensinamentos clássicos da teoria econômica que não se aplicavam à realidade africana. De volta à Itália, participou do “*Gruppo Gramsci de Milão*” a partir de 1971 e atuou junto a movimentos sociais e sindicais. Em 1979, juntamente com Terence Hopkins e Immanuel Wallerstein, passou a pesquisar e lecionar no *Centro Fernand Braudel*, na Universidade de Binghamton, nos Estados Unidos. Foi durante este período que Arrighi construiu uma importante reinterpretação do fenômeno do “Imperialismo” como abordado por Lênin, não mais como uma etapa final do processo de desenvolvimento do capitalismo, mas como uma etapa dos “processos de longa duração” de Braudel, adquirindo características cíclicas estruturais. Após um período de refinamento de mais de uma década, a teoria de Arrighi foi publicada no formato do seu livro mais conhecido: “*O Longo Século XX*”, publicado no Brasil pela primeira vez em 1996.

A análise dos ciclos de acumulação de capital, liderados por Gênova (ARRIGHI, 1996, p. 111-130), Holanda (idem, p. 130-148), Inglaterra (p. 163-179) e Estados Unidos (p. 277-309), longe de esgotar sua agenda de pesquisa, abre espaço para novos estudos mais aprofundados. Seu modelo analítico fugiu da ortodoxia econômica, analisando a interação entre política e economia (ARRIGHI, 1998), incluindo o problema do pacto social (ARRIGHI & SILVER, 2001; ARRIGHI, AHMAD & SHIH, 2001; SILVER & SLATER, 2001), e o envolvimento do Estado e da burguesia nas altas finanças, onde o dono do poder encontra o dono do dinheiro. Essa abordagem permite reinterpretar casos históricos como a trajetória de Portugal nos séc. XV-XVI, que, apesar do seu poderio comercial, naval, e das inovações político-institucionais e tecnológicas, não se tornou uma potência “hegemônica”. A interpretação arrighiana permite sustentar que tal desfecho ocorreu face à incapacidade de Portugal para constituir seu próprio sistema financeiro e estabelecer um pacto social suficientemente amplo e estável. No século XV isto significava estabelecer mediações entre povos então em luta, como cristãos, judeus e muçulmanos, dificuldade esta que o país não resolveu completamente, incluindo episódios de retrocesso como a expulsão de minorias religiosas em 1496. Este modelo lança luzes ao diagnóstico da atual conjuntura

internacional e regional, em que, na América do Sul atual, continuam vigentes dificuldades para estabelecer formas de consenso nacional e pactos sociais minimamente estáveis. Importantes setores das burguesias locais preferem associar-se de forma submissa e dependente países estrangeiros (para onde exportam suas commodities), do que associar-se sinergicamente ao processo de desenvolvimento nacional ou regional das capacidades econômicas e políticas, garantindo o aprofundamento e expansão da cidadania.

Como destacou na entrevista concedida a David Harvey para a *New Left Review* de março-abril de 2009, Arrighi pretendia continuar o trajeto de pesquisa a respeito das mudanças sistêmicas internacionais, dando continuidade à atual fase de sua obra, dedicada à análise da ascensão asiática (HARVEY, 2009). Apesar da aparente sensação de incompletude, a obra da vida de Giovanni Arrighi pode ser considerada acabada. Teve tempo suficiente para superar suas próprias hipóteses iniciais, que até meados dos anos 1990 apostavam no Japão como líder do processo de ascensão do Leste Asiático (ARRIGHI, 1998). Arrighi viveu o suficiente para ter a oportunidade de escrever outro livro para refutar suas previsões iniciais), constatando que este crescimento regional da Ásia oriental estava sendo mais profundamente marcada pela re-ascensão do gigante chinês, atualmente o principal destino dos investidores e capitais asiáticos (ARRIGHI, 2008). Na revisão às suas teses iniciais, chegou a considerar plausíveis hipóteses como a de uma nova hegemonia americana, ou a ausência de um novo Estado hegemônico no próximo ciclo, ou até mesmo o fim desta modalidade de ciclos hegemônicos capitalistas. Entretanto, a mais plausível e original destas hipóteses elencadas por Arrighi, talvez tenha sido a perspectiva de que não haveria um único Estado a exercer a próxima hegemonia, mas uma coalizão de Estados ou de blocos de Estados, o que abre espaço para um mundo mais equilibrado e com menos desigualdades (ARRIGHI & SILVER, 2001, p. 281-299; ARRIGHI 2008). Este ideário humanista e democrático possivelmente foi o que atraiu inúmeros analistas e estrategistas brasileiros. Muitos passaram a questionar a respeito das estratégias possíveis que um país da semi-periferia³

³ Arrighi utiliza o conceito de semi-periferia para explicar a posição estrutural deste conjunto de países no sistema mundial, tanto em relação ao núcleo orgânico do capitalismo como em relação aos países da

como Brasil, poderia desenvolver para poder participar de um possível futuro consórcio de países líderes ou blocos de países líderes, a liderar o sistema internacional, em um processo menos desigual, mais igualitário, democrático e pacífico³. Além do desafio de desenvolver uma estratégia desta natureza, acrescenta-se ainda outro desafio, o de concomitantemente evitar o risco e a tentação do imperialismo e do “império” (ARRIGHI, 2008, p. 185-219), talvez um dos maiores males de que sofreram as principais hegemonias históricas.

Estas questões têm implicações políticas significativas para a estratégia de um país semi-periférico como o Brasil, que pretende aproveitar ao máximo as janelas de oportunidade de um mundo em transformação acelerada. A depender da estratégia traçada e das escolhas implementadas, o país pode simplesmente continuar estagnado na semi-periferia, ou até mesmo ser rebaixado da atual posição de semi-periferia para a periferia. Mas também pode finalmente constituir um processo de inovação e desenvolvimento que permita participar em um possível consórcio de Estados ou de blocos de Estados, capazes de liderar pacificamente um processo de transformação da ordem internacional rumo a um sistema internacional menos desigual. Qualquer que seja o papel do Brasil no século XXI, tudo indica que será definido simultaneamente a partir das relações do país com a América do Sul e da capacidade de liderar um processo regional de integração, com desenvolvimento e inclusão social, geração de emprego e distribuição de renda, reduzindo as desigualdades extremas existentes no continente e ainda, com expansão e aprofundamento da democracia.

No Brasil, felizmente, a obra de Arrighi não vem sendo encarada como um ponto final ou uma teoria fechada, nem tem sido tratada como apenas mais um “clássico” a ser admirado nas prateleiras das bibliotecas. Antes disto, sua obra vem sendo considerada mais como um ponto de partida, como um importante estímulo à novos debates, à reflexão teórica e ao desenvolvimento de novas agendas de pesquisa na área de relações internacionais.

periferia. Os países da semi-periferia são caracterizados principalmente por exercerem simultaneamente um conjunto de atividades econômicas que, em determinado momento, são típicas dos países do núcleo orgânico ou dos países da periferia (ARRIGHI, 1998, p. 144-160).

REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, Giovanni (1996) O Longo Século XX. 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto; São Paulo: Ed. UNESP.
- ARRIGHI, Giovanni (1998) “*Costume e Inovação: ondas longas e estágios do desenvolvimento capitalista*”. p. 19-51. in: ARRIGHI, Giovanni (1998) A Ilusão do desenvolvimento. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- ARRIGHI, Giovanni; AHMAD, Iftikhar & SHIH, Miin-wen (2001). "As hegemonias ocidentais em perspectiva histórica mundial" p. 227-279 In: ARRIGHI, Giovanni & SILVER, Beverly J. (2001) Caos e Governabilidade no moderno Sistema Mundial. 1ª ed. Editora UFRJ; Contraponto: Rio de Janeiro, RJ.
- ARRIGHI, Giovanni & SILVER, Beverly J. (2001) Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial. Rio de Janeiro: UFRJ - Contraponto.
- ARRIGHI, Giovanni (2008) Adam Smith em Pequim. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, RJ: Ed. Vozes.
- HARVEY, David (2009) “*The Winding Paths of Capital*”. New Left Review. p. 61-94. <<http://www.newleftreview.org/assets/pdf/ArrighiInterview.pdf>> Acesso em: 10/06/2009.
- SILVER, Beverly J. & SLATER, Eric (2001) “*As origens sociais das Hegemonias Mundiais*”. pg. 161-225 In: ARRIGHI, Giovanni & SILVER, Beverly J. (2001) Caos e Governabilidade no moderno Sistema Mundial. 1ª ed. Editora UFRJ; Contraponto: Rio de Janeiro, RJ